

Jornal do Brasil

4/11/1986

Festival de Brasília

"Destino" aplaudido

Wilson Cunha

BRASÍLIA — Havia enorme expectativa. "A grande noite", proclamava em quantas colunas fossem possíveis o Correio Braziliense sobre o programa de domingo, confirmando uma tendência manifesta ainda antes mesmo do início do festival: "A cor de seu destino" seria o grande favorito. E se havia tal expectativa entre jornalistas e demais participantes do festival, era compartilhada pelo público: às 20h30min, meia hora antes do início programado da sessão, uma longa fila se formava na bilheteria. No saguão do Cine Brasília, já havia muita gente. Todos se abanando. E calor, na realidade, não faltaria à noite.

O início foi morno, com exibição do curta de Sérgio Gazi e Zuleica Porto. "Brasilários", a partir de um texto de Clarice Lispector. A temperatura aumentou, e muito, diante de "A classe que sobra", média da Peter Overbeck. Aqui, o universo dos bóias-frias é amplamente abordado em 24 minutos de projeção. Das péssimas condições de vida nos canaviais às dificuldades nas favelas. "A classe que sobra" segue a escola do documentário populista, e sua programação nessa noite foi de um acerto total. O pessoal estava ali para ver e ouvir isso mesmo. E "A classe" já deixou a platéia no ponto para receber a grande estrela da noite. "A cor do seu destino", de Jorge Durán.

Um rápido intervalo para apresentação do elenco — "o importante é ver o filme", disse mais ou menos assim Júlia Lemmertz — e sem maiores delongas vieram as fortes imagens da queda de Salvador Allende e a ascensão de Pinochet; pano de fundo, mas com uma vivíssima participação, no universo de "Seu destino".

Onde ficamos diante da história de um adolescente, Paulo (Guilherme Fontes), nascido no Chile, filho de mãe brasileira (Laura/Norma Benguel) e pai chileno, Victor (o ator chileno Franklin Caicedo), e que teve o irmão Victor (Chico Diaz) assassinado pela ditadura de Pinochet. A família está vivendo há 12 anos no Brasil, mas os fantasmas do passado continuam rondando o universo de Paulo. Sua crise pessoal se torna maior ao descobrir que a namorada Helena (Andréa Beltrão) tem um caso com o professor. A chegada da prima chilena ativista, Patrícia (Júlia Lemmertz), só acelera o processo.

Com o Cine Brasília superlotado por um público essencialmente jovem — que, ao ser anunciada a presença do ministro da Cultura. Celso Furtado, cobrou a liberação de "Je Vous Salue, Marie" — "A cor" foi cumprindo seu destino de falar de perto à platéia. O núcleo jovem da narrativa (Paulo e seus amigos) faz grande sucesso, e com toda justiça. Mas o ponto alto da catarse coletiva ocorre mais para o fim: Durán joga baldes de tinta vermelha sobre o cônsul do Chile, afoga Pinochet em um pouco do sangue que o ditador tem feito correr. Foi um delírio, que manteve o público longamente no saguão saboreando a recordação de cada fotograma de "Seu destino".

A consagração de "A cor" e o calor da noite projetaram-se, ainda, durante o coquetel no belo Restaurante/bar 45. Com seu jeito nova-iorquino de ser, o 45 serviu de moldura a uma cena clássica: quando a equipe chegou, uma nova e estrondosa revoada de palmas marcava o apreço de seus pares. Por ali, democraticamente, a sensibilidade de Sérgio Toledo e sua Vera, a deliciosa brasilidade de Helvécio Ratton e seu "A dança dos bonecos", dividiam o espaço do sucesso neste festival que, já tem até gente dizendo, está melhor que o de Gramado.

